

# Favelas invadiram o sonho de Dom Bosco em novo plano da capital do terceiro milênio

ELIANE OLIVEIRA

Brasília convive com a invasão de áreas públicas desde seu nascimento. Na cidade sonhada por Dom Bosco surgiam, timidamente, favelas retratando o desespero daqueles que pensavam ser aqui o “Eldorado” brasileiro. Com trabalho, comida, escola, assistência médica, transporte, enfim, o mínimo de conforto nunca encontrado nos estados de origem de milhares de famílias.

As favelas — ou invasões do projeto altamente moderno da nova capital — sempre foram motivos de preocupação por parte dos governantes que passaram pelo DF. Para se ter uma idéia, os programas de assentamento tiveram início em 1962. Segundo a ex-coordenadora de Assentamentos do GDF, Julimar Camargo, a área onde estava localizada a Vila Planalto foi escolhida para os diversos acampamentos das companhias encarregadas da construção de Brasília.

Quem veio para cá desde o início deve se lembrar da Vila Amauri, situada próxima ao Iate Clube, onde passa hoje o lago Paranoá. Grande parte dos moradores foi transferida para Taguatinga e Sobradinho. Outros preferiram fixar-se do outro lado do asfalto, na Vila Planalto. Após muitos anos de luta, os habitantes da última localidade conseguiram ver assinado, pelo então governador José Aparecido (1987), decreto tombando e assentando o lugar.

## CEILÂNDIA

A partir de então, as remoções não pararam, porém se desencadearam em menor intensidade.

Em 1970, iniciou-se um trabalho de conscientização das vilas do Iapi, Tenório Cavalcante, Esperança, Bernardo Sayão e Querosene. Mais tarde, todas seriam removidas para a cidade-satélite de Ceilandia, hoje a mais populosa do DF. O governo começou o assentamento das famílias em março de 1971. Um ano depois, havia no local perto de 85 mil habitantes.

O problema não terminou. Ao contrário, permaneceram favelas e surgiram outras com o alto fluxo migratório. Com a cidade praticamente saturada, ficou difícil para os brasilienses fechar os olhos para as dezenas de invasões — habitadas, em sua maioria, por trabalhadores de baixo poder aquisitivo — transformadas em núcleos habitacionais. Isso sem falar nos ocupantes de passarelas subterrâneas e pontes, quase todos desempregados.

Há quase quatro anos a invasão da 110 Norte foi removida, com forte aparato policial e pé-de-cabra. Na época, os secretários de Viação e Obras, Carlos Magalhães, e de Serviço Social, Adolfo Lopes, no governo José Aparecido, tinham divergências sobre como lidar com os favelados. Enquanto o primeiro não admitia a ocupação de logradouros públicos, o segundo promovia o “retorno com dignidade”, bastante criticado por vários setores da sociedade. Graças à sua metodologia, centenas de famílias saíram, em caminhões do GDF, para Barroândia, a cerca de cinco quilômetros de Brasília (GO).

## CADASTRO

Joaquim Roriz, ex-governador do DF e ex-ministro da Agricul-

tura e da Reforma Agrária, assumiu em setembro de 1988 e já em dezembro promoveu a Semana da Habitação. Durante o primeiro semestre do ano passado foram cadastrados em torno de 145 mil inquilinos de baixa renda e 14 mil 500 favelados. Inúmeras famílias tiveram que ser eliminadas do programa, por causa do cruzamento de dados.

Até o momento, perto de 43 mil famílias foram assentadas. Samambaia recebeu o maior número de pessoas, contando, atualmente, com 22 mil 635 famílias, ou cerca de 135 mil habitantes. O Programa de Assentamento está interrompido pelo governador Wadirley Vallim. Ele quer enxugar a “máquina administrativa” como um todo, para depois prosseguir com a distribuição de lotes semi-urbanizados.

Há medo do ressurgimento de novas favelas? Nem Roriz, nem o governador ou mesmo Julimar Camargo, que trabalhou com assentamentos de 1962 até o mês passado, acreditam nisso. “O assentamento está amarrado pelo cadastro, feito para as pessoas que residiam lá mais de três anos no local anterior à transferência. Quem estiver de fora não pode ser atendido”, assegura Julimar.

Receberam novos moradores, além de Samambaia, Taguatinga (mil 132), Ceilândia (dois mil 980), Gama (875), Planaltina (quatro mil 756), Sobradinho (mil 480), Nícleo Bandeirante (638), Brazlândia (mil 354), Paranoá (cinco mil 600), Areal (885) e Guará (579). Foram assentados moradores de 44 favelas, segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Social.